

Entre Filosofia e Religião

MARIA CELESTE NATÁRIO*

*Para o Professor Jorge Coutinho, lembrando Pascoaes,
nossa paixão comum, insigne pontífice entre Filosofia,
Ciência e Religião*

«Uma cultura depende da qualidade dos seus deuses, da configuração que o divino tiver assumido face ao homem, da relação declarada e da encoberta, de tudo o que permitir que se faça em seu nome, e, mais ainda, da contenda possível entre o homem, o seu adorador, e essa Realidade; da exigência e da graça que a alma humana se outorga a si mesma através da imagem divina»

Maria Zambrano, *O homem e o divino*,
Lisboa, Relógio d'Água, 1995, p. 25

Plotino, quando estava a morrer:

«Estou a tentar conduzir o divino que há em mim ao divino que há no Universo»

Porfírio, *Vida de Plotino*

* Celeste Natário é Professora na Faculdade de Letras da Universidade do Porto – onde, desde 1998, tem leccionado a cadeira de «Filosofia em Portugal» do Curso de Licenciatura em Filosofia, para além de Seminários de Pós-Graduação, Mestrado e Doutoramento.

A maior ou menor intensidade da viagem que um dia cada humano inicia e o modo como passa pela vida reflecte não só uma história pessoal como também a história que, ao longo dos séculos, vai moldando uma vida, uma cultura, uma civilização.

Interrogando-se sobre a realidade e sobre o que o excede, desde o princípio dos tempos que o ser humano teve como primeira interrogação, perante um «arquipélago de silêncio»¹ desde o início sentido, a inteligibilidade do mundo, interrogação à qual outras e outras tantas se seguiram, desde a problemática da eternidade e tantas outras questões que, ao longo da história, foram enunciadas e para as quais diversas respostas foram sendo formuladas. Donde vimos?, qual a origem do mundo? E por detrás da questão da origem do mundo: porquê o mundo? E por detrás da questão do «porquê o mundo», o porquê do sentido da vida, da «minha vida», da vida de cada um de nós. E, sabendo-se finito, ainda a pergunta: «E depois?, e depois do físico?».

Estabelecer hipóteses sobre o início do mundo e propor um sentido ou sentidos para a existência tem sido um trabalho desde sempre empreendido. Que sentido tem o mundo da matéria? E o que está para além dela? Existe realmente? E se existe, qual é também o seu sentido? Porque existe alguma coisa e não apenas o nada? Se existe? E não será o nada já alguma coisa? A todas estas questões, poderia ainda acrescentar-se: qual o sentido a dar à existência, à vida e à morte? Estaremos perante questões de física e metafísica?

Ao espanto, aos medos, aos desejos e a todas as angústias, desde sempre correspondeu uma indómita vontade e urgência de encontrar respostas, que ao longo da História não têm satisfeito o homem.

O mito, a filosofia, a ciência e a religião têm sido vias de procura para essas respostas. Porém, o problema maior será o de não existir uma única resposta mas respostas, diversas respostas – mesmo que alguns acreditem numa resposta

Enquanto investigadora, tem-se dedicado, em particular, à filosofia e cultura portuguesas, com diversas obras publicadas: *O Pensamento Dialéctico de Leonardo Coimbra: reflexão sobre o seu valor antropológico* (Edições do Tâmega, 1997); *O Pensamento Filosófico de Raul Proença* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005); *Entre Filosofia e Cultura: percursos pelo pensamento filosófico-poético português nos séculos XIX e XX* (Zéfiro Ed., 2008). Tem igualmente organizado múltiplos encontros científicos. Coordena ainda o projecto de investigação «Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal», que congrega alguns dos mais relevantes investigadores desta área, e integra a Direcção da NOVA ÁGUA: REVISTA DE CULTURA PARA O SÉCULO XXI.

¹ Cf. Levi MALHO, in *O Deserto da Filosofia*, Porto, Rés.

apenas. É que parece que algumas explicações, algumas respostas, não se destinam a satisfazer apenas a nossa inquietação, decorrendo antes de apelos, nem sempre eles mesmo explicáveis.

Face ao fatalismo da morte e à cisão que o humano sempre estabelece com o mundo, inicia-se uma espécie de revolta sem tréguas que tem nesse sentido de perenidade o seu âmago. Sabemos que o modo para apaziguar esta inquietação pode assumir as mais diversas formas – algumas delas revelando as mais belas criações humanas, plasmadas, por exemplo, na música, na literatura (em particular, na poesia), na pintura, na arquitectura, etc.

Mas, pela importância incontestada que ao longo da história da Humanidade assumiram a Ciência e a Religião, será sobre elas que teceremos algumas curtas considerações, tendo como objectivo contribuir para a compreensão do perfil de uma época.

Começemos por considerar algo que pensamos ser fundamental: distinguir entre a vivência religiosa e a religião institucionalizada, em geral num conjunto de dogmas e doutrinas, que ao longo da história o homem foi cristalizando para veicular as «suas» verdades. E sublinhamos este aspecto por considerarmos existir uma dimensão religiosa inerente ao próprio ser humano, diremos mesmo, à sua onticidade.

A partir desta condição religiosa que pensamos ser mais autêntica, porque mais essencial, podemos apontar para as mais diversas acepções do conceito de religião: desde logo, a crença na existência de algo dotado de um poder sobre-humano; um conjunto de práticas, preceitos e rituais através dos quais uma crença se manifesta; o culto prestado a uma divindade; uma doutrina ou crença religiosa; a reverência ou respeito às coisas ditas sagradas...

Mas é também importante não ignorar o que se entende por religião natural e por religião revelada (ou positiva): assentando a primeira apenas nos dados do sentimento e da razão, sem recurso à revelação divina; e a segunda, em que os dados do sentimento e da razão só serão confirmados e completados pelos dados da revelação.

Na Introdução à *Carta Encíclica* de João Paulo II sobre as relações entre a Fé e a Razão², introdução intitulada «Conhece-te a ti mesmo», pode ler-se:

² Ed. Paulinas, 1998, pp. 5-6.

«Tanto no Oriente como no Ocidente, pode-se entrever um caminho que, ao longo dos séculos, levou a humanidade a encontrar-se progressivamente com a verdade e a confrontar-se com ela. É caminho que se realizou – como não podia deixar de ser – no recinto da auto-consciência pessoal: quanto mais o homem conhece a realidade e o mundo, tanto mais se conhece a si próprio na sua unicidade, ao mesmo tempo que nele se torna cada vez mais premente a questão do sentido das coisas e da sua própria existência.

O que chega a ser objecto do nosso conhecimento, torna-se, por isso mesmo, parte da nossa vida. A recomendação conhece-te a ti mesmo estava esculpida no lintel do templo de Delfos, para testemunhar uma verdade basilar que deve ser assumida como regra mínima de todo o homem que deseja distinguir-se, no meio da criação inteira, pela sua qualificação de ‘homem’, ou seja, enquanto ‘conhecedor de si mesmo’».

O recurso a este texto parece-nos aqui de significativa importância, não só pela sua clareza, mas também pela concordância quase completa que, em princípio, será possível ter com alguém que foi afinal o mais alto representante da Igreja Católica, independentemente de a ela se pertencer ou não, ou de se exercer uma actividade científica ou outra, sendo apenas e no mínimo necessário e razoável a presença do sentimento religioso.

Evidentemente que deste primeiro momento da citada carta *Fides et Ratio* é possível partir para outros ângulos de abordagem – salientando nós a possibilidade do fecundo diálogo entre religião e ciência que nele se abre, no respeito da autonomia de cada uma.

A resposta à necessidade e ao desejo do homem em se auto-transcender pela religião, leva também a pensar na «segurança» que o ser humano, perante a sua condição de ser corruptível e finito, lhe permitirá chegar ao sentido de ajudar nessa auto-transcendência, o ser eterno, infinito, doador de sentido, que ajude a preservar e redimir o homem dos dualismos que não consegue abandonar, mas cuja luta empreende em nome de algo que considera um bem maior: a salvação e a conquista da eternidade.

Crer na imortalidade torna decerto a existência com mais significado ou, pelo menos, mais suportável, mas este é apenas um possível olhar, uma possível perspectiva. Contudo, não é apenas esta crença que pode explicar e ajudar na busca da felicidade. Outras dimensões da religiosidade, e também da ciência, o homem foi inventando. Outrora, foram os deuses do Olimpo – hoje, são os deuses da Técnica. O seu desenvolvimento conhece hoje um poder nem sempre fácil de aceitar, por assumir quase uma dimensão

salvífica, que, aos olhos de muitos, é capaz de resolver todos os problemas do homem.

O domínio do conhecimento com um objecto pré-determinado e um método próprio, fundamentado em relações demonstráveis objectivamente, o conhecimento exacto, racional e verificável, que se expressa por leis; a investigação metódica das leis que regem os fenómenos e a que outras definições se poderiam acrescentar, tudo isso é, em suma, o campo da ciência. Daquela dimensão onde a palavra «eficácia» é cada vez mais uma palavra de ordem e onde os desejos, angústias, afectos e emoções seriam tanto mais explicáveis quanto mais fossem susceptíveis de se incluir numa realidade onde o visível e objectivo se imponha.

Durante algum tempo, o homem acreditou que a ciência tudo podia resolver. E sublinhe-se aqui o sentido de *acreditar*, imprescindível no âmbito religioso, aí significando confiar no poder de Deus, «aquele que redime e salva», também no âmbito da ciência, afinal se pode aplicar, enquanto confiança no poder do homem, nas suas infinitas possibilidades. Por esta segunda via, a ciência pode ser vista a ocupar o papel que mais frequentemente era atribuído à religião.

Assim sendo, pode então dizer-se que, nas sociedades modernas, ciência e religião podem constituir-se como respostas diferentes às inquietações humanas. Mas que inquietações são estas? Não podem ou não devem ser as mesmas, porque se forem, ou melhor, se se pensa que são as mesmas, apenas se assiste à substituição de uma religiosidade por outra. Que haja correlação entre o sentido religioso e o científico não será de estranhar totalmente, sendo porém importante considerar os objectivos que conduzem o homem da ciência na sua investigação. Os cientistas são homens e por isso a observação que empreendem estará naturalmente relacionada com os seus pensamentos, valores e conceitos, o que pode ser positivo ou não, dependendo das suas mundividências e sentimentos.

Mas, se ciência e religião se apresentam como respostas diferentes às mesmas inquietações, o mesmo não significa que essas diferentes dimensões não se cruzem em cada um de nós. Ouçamos, a esse respeito, Einstein: «Difícilmente encontrareis um espírito que investigue profundamente a ciência que não apresente uma religiosidade característica»³; logo a seguir acrescentando

³ In *Comment je vois le monde*, Paris, Flammarion, 1934, pp. 38-39.

que essa religiosidade «reside na admiração extasiada da harmonia das leis da natureza», entendendo ao mesmo tempo o referido autor que «aí se revela uma razão tão superior que todo o sentido posto pelos humanos no seu pensamento não é mais do que um reflexo nulo em relação a elas (...); - pelo que esse sentimento é o *leitmotiv* da vida e dos esforços do sábio» –, acrescentando que esse sentimento «está próximo daquele que experimentaram os criadores, espíritos religiosos de todos os tempos»⁴.

Mas, a esta suposta religiosidade no interior da própria ciência, para a qual aqui Einstein aponta, merece ser sublinhada a sua famosa resposta à pergunta do Arcebispo de Cantuária sobre o efeito que teria a *teoria da relatividade* na religião: «Nenhum efeito. A relatividade é um assunto puramente científico e não tem nada a ver com a religião»⁵.

Não parece existir nestas duas posições uma grande coerência, mas recorreremos ainda a Einstein, nomeadamente quando ele afirma que «a experiência duma religiosidade cósmica é a mais forte e a mais nobre força impulsionadora por trás da investigação científica»⁶. Bem próximas parecem estar aqui de novo Ciência e Religião...

A nosso ver, para lá de tudo o que o homem pode compreender no universo há o mistério, o inexplicável que sempre permanece. E é à luz desse horizonte que, na nossa perspectiva, é possível o diálogo entre Ciência e Religião. Dizemos possível e imprescindível, diremos também desejável, mesmo sabendo que, ao longo da história, Ciência e Religião se tenham apresentado sobretudo como dois caminhos diversos, quando não antagónicos.

Contudo, pensamos que se o *espaço* é amplo, se o espaço é o cosmos, isso significa que o vislumbre da Unidade surgirá, se o espaço é pequeno, se são os interesses mais pessoais, em vez dos mais universais e cósmicos, que estão em causa, então também em vez da Unidade, são os confrontos e as lutas da mais diversa natureza que aportarão. O lugar para o diálogo de que hoje tanto se fala aos mais diversos níveis das relações humanas, particularmente nos interessando aqui o do diálogo entre Ciência e Religião, só pode efectivamente acontecer quando não for imposto por ninguém, mas apenas decorrer da vontade íntima, o mesmo é dizer, da vontade interior de cada uma das partes, de cada um

⁴ *Id.*, *ibid.*

⁵ Cf. P. FRANK, *Einstein, his life and times*, Da Capo Press, 1953, pp. 189-190.

⁶ Cf. A. MOURÃO, in «Tensão e Distensão entre ciência e fé religiosa», *Brotéria*, vol. 148 (1999)

dos caminhos. E aí, poderá acontecer que esses dois caminhos, mesmo dentro dos limites de cada um, acabem por se encontrar num ponto, no ponto onde se deixe de procurar o que permanece, ou melhor, em que se deixe de buscar respostas para as interrogações, as inquietações, e se perceba e oiça no silêncio mais íntimo de cada um de nós e de tudo que, onde não há estagnação, onde não há fixidez, mas mudança, aí residirá pelo menos o vislumbre do que se busca, o que podemos chamar de *Unidade*, aquela onde não existem já dualismos mas em que tudo está no todo. Aí, Ciência e Religião, virão a convergir, assim desaparecendo enquanto entidades separadas, acabando por se encontrar o essencial de uma e outra, de algum modo uma aproximação à própria essência do homem e do mundo.

Aquilo que separa a Ciência e a Religião, como outras tantas *separações* e dualismos que sentimos, desde logo em relação à Natureza, como, em última instância, ao Divino, reside na busca de algo que é estático e petrificador. Mas sentir que nada é fixo, que a lei universal da mudança tudo rege, e que o movimento é necessário para que haja vida, e que, se se estagna, se morre, então aí todo o diálogo e harmonia é possível, percebendo-se porque é que todos os rios caminham para o mar, porque é que tudo está no todo e o todo está em tudo...